

RESENHA

## Antropologias do contemporâneo: uma homenagem à Sônia Weidner Maluf

**Binah Ire**<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina



DIEHL, Eliana Elisabeth *et al.* (orgs.). *Antropologias do contemporâneo: uma homenagem à Sônia Weidner Maluf*. Coleção Brasil Plural. Florianópolis: Editora da UFSC, 2022. 369 p.

IRE, Binah. **Antropologias do contemporâneo: uma homenagem à Sônia Weidner Maluf (Resenha)**. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 12 (29): 563-568, maio a agosto de 2025. ISSN: 2358-5587

<sup>1</sup> Doutoranda em Antropologia Social (PPGAS/UFSC), Mestra em História Cultural (PPGH/UFSC) e Bacharela em Arqueologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Trabalha como pesquisadora vinculada ao Núcleo de Antropologia do Contemporâneo (TRANSES/UFSC).

Com Prefácio da pesquisadora e professora Esther Jean Langdon, a coletânea *Antropologias do contemporâneo: uma homenagem a Sônia Weidner Maluf* reúne artigos dedicados aos temas e campos de atuação percorridos pela antropóloga, professora e pesquisadora Sônia Maluf em suas pesquisas, projetos e orientações. Suas/seus ex-orientandas(os), alunas(os) e colegas pesquisadoras(es) trazem nesta obra discussões sobre as teorias do sujeito, antropologia política, antropologia da saúde, políticas públicas, práticas estatais, gênero, narrativa e cinema. O livro é resultado das comunicações e análises feitas durante o ciclo de seminários intitulado “*Políticas, saúde, gênero e subjetividades: pluralidades na atuação de Sônia Maluf*”, realizado em quatro universidades federais brasileiras durante o mês de novembro de 2018. A obra traz um apanhado geral que registra a importância de Sônia como formadora de pesquisadores/as e profissionais dedicados ao estudo, discussão e formulação de políticas públicas a partir de debates contemporâneos da Antropologia. Demarca ainda continuidades fundadas pelas redes de trabalho e afeto constituídas pelas pesquisas do INCT Brasil Plural (INCT-IBP), um instituto “baseado na antropologia da práxis, em pesquisa crítica etnográfica que tem pertinência para as políticas públicas e para as comunidades estudadas”.

As atividades realizadas durante o ciclo de seminários que originou a concepção da coletânea nos remetem à importância dos encontros, da amizade e dos afetos na elaboração conjunta de reflexões e proposições teórico-metodológicas no campo da Antropologia. A produção coletiva e colaborativa que inspira os trabalhos de pesquisa e as discussões presentes na obra se reflete na forma como ela é construída: a partir dos seminários realizados, com contribuições individuais que fazem circular experiências compartilhadas de pesquisadoras/es que já trabalharam e seguem trabalhando com a Professora Sônia Maluf em diferentes campos de atuação.

Destaca-se a articulação de fundamentos teóricos e conceituais sobre gênero e feminismo sendo mobilizados como paradigmas e perspectivas fundamentais para conceber análises a respeito de direitos, justiça e reconhecimento, pensando o sujeito, o Estado e políticas públicas “sob rasura”, focando nos sujeitos em seus contextos etnográficos, no que dizem e em como mobilizam gramáticas oficiais/institucionais. Assim se enraízam fundamentos teórico-metodológicos que nos inspiram a “fazer perguntas que ninguém mais faz”, e a tornar a Antropologia um campo de construção de saberes “a contrapelo”, como nos ensina Sônia em sua prática cotidiana como pesquisadora e professora.

## Parte 1 – Afetos e experiências de uma ciência plural

A primeira série de artigos reúne diálogos de pesquisadores/as com os modelos analíticos propostos e mobilizados por Sônia Maluf. Ana Paula Muller de Andrade evoca a pluralidade de um trabalho “rizomático” e “desterritorializante”, destacando algumas das produções de Sônia no campo do gênero, das relações entre sujeitos e o Estado no acesso às políticas públicas de saúde mental. Com o Professor Marcos Aurélio da Silva fazemos uma lembrança do que é pensar o sujeito e pessoa com Sônia Maluf, partindo da premissa que ela sempre nos coloca de que o sujeito não está preexistindo anteriormente às relações sociais, ele é enquanto participa. Para Marcos Aurélio isso implica “pensar os sujeitos do contemporâneo a partir da etnografia de suas práticas e saberes” (SILVA, 2022: 70). Os textos de ambos tratam da territorialidade como conceito útil para pensar a produção de subjetividades como atrelada aos territórios (objetivos, subjetivos e não fixos), numa inspiração trazida por Sônia a partir de Deleuze, Guattari e Perlongher. Essa noção vai aparecer direta ou indiretamente em todos os trabalhos ao longo das duas partes do livro, indicando uma compreensão que parte da relação com Sônia, e assim acontece com outras noções importantes, como a de *biolegitimidade*.

Nessa esteira, Fátima Weiss de Jesus nos inspira com relatos da prática de uma Antropologia engajada, tratando dos processos de gestação, parto e nascimento no Amazonas<sup>2</sup>. Destaco este artigo como um dos mais representativos da coletânea no que tange aos efeitos práticos da antropologia articulada com diferentes sujeitos na efetivação de políticas públicas, ou seja, o estudo antropológico e a etnografia como intermediação entre sujeitos que representam a “prática estatal” e aqueles sujeitos “na ponta” da política pública. Simone Becker traz suas experiências com os protagonismos de mulheres indígenas e travestis em Sertão de Dourados (MS)<sup>3</sup>, num dos estados que mais mata violentamente mulheres, lésbicas e pessoas trans, e onde o agronegócio e a agroindústria de “moer gente” seguem praticando suas “outrofobias”. O engajamento ético com suas interlocutoras, segundo Becker, veio do respeito e afetação que a convivência com Sônia Maluf lhe inspira, praticando a corporificação na antropologia. O neoliberalismo, tema recorrente nas suas reflexões, ganha destaque no artigo de Sandra Caponi, onde o sofrimento psíquico e a medicalização psiquiátrica, outro tema recorrente na obra, são interrogados a partir da sua vinculação com políticas sociais, de como se valoram as vidas humanas pelas instituições públicas nas sociedades neoliberais, onde novamente falamos em *biolegitimidade* e como ela é mobilizada pelo Estado e pelas pessoas para excluir ou ofertar assistência social.

Fechando essa primeira parte da obra, Vanessa Pedro<sup>4</sup>, nos traz importantes reflexões sobre o jornalismo contemporâneo, redes sociais e desinformação. Trata da crise do jornalismo como narrativa contemporânea da realidade e do modelo monopolizado da imprensa no Brasil, da importância da produção de narrativas consistentes, complexas e bem apuradas. Também critica o jornalismo declaratório e sensacionalista e a falta de checagem das informações, questões que já eram presentes em sala de aula com a professora Sônia Maluf no curso de

<sup>2</sup> Fátima relata a primeira audiência pública sobre violência obstétrica no estado, as ações junto ao MPF/AM, com coletivos de mulheres vítimas de violência obstétrica e demais organizações que paulatinamente foram construindo uma política de enfrentamento à violência obstétrica em maternidades, hospitais e demais unidades de saúde da rede pública no Amazonas.

<sup>3</sup> A cidade reúne a segunda maior população indígena do país.

<sup>4</sup> Vanessa Pedro é jornalista. Foi orientanda de Sônia em um inovador TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) sobre terreiros de umbanda em Florianópolis, na forma de livro-reportagem.

Jornalismo. Vemos a todo momento a mobilização de uma “antropologia implicada” com as questões do seu tempo, com os sujeitos e com as relações entre sujeitos, Estados e políticas públicas. Em todos os textos encontramos usos criativos da narrativa, seja ela produzida junto às travestis de Dourados ou encontrada num filme como “*Eu, Daniel Blake*”; são estratégias etnográficas que nos aproximam de uma experiência corporificada e territorializada, como Sônia Maluf nos sugere fazer.

## ***Parte 2 – O Estado visto de baixo: os sujeitos e as políticas públicas***

A segunda parte desta coletânea traz oito artigos que discutem mais diretamente as políticas públicas como práticas estatais operadas por e voltadas para sujeitos diversos, enfocados a partir de alguns “marcadores sociais da diferença”, como raça, gênero, orientação sexual etc.; ou da própria noção de território (quilombo). As políticas de saúde pública, saúde mental e políticas de saúde e assistência social para a população LGBTQIA+, discutindo o envelhecimento deste segmento, o uso medicinal de maconha por meio da análise de um documentário; e os quilombos e suas linhas de fuga que escapam à biopolítica dominante - são os temas dos artigos desta seção, percorrendo uma variedade de contextos etnográficos: hospital psiquiátrico, por meio de seus arquivos, colônias/leprosários, presídio de mulheres, ala de tratamento psiquiátrico em presídio, centros de referência em saúde mental do trabalhador, uma unidade básica de saúde, um documentário e, por fim, o quilombo - visitados pelos autores e pensados a partir de uma visão do estado como entidade complexa cuja “mão esquerda” (BOURDIEU, 2012: 656) está sempre em conflito com a “mão direita” e em proporção semelhante à da configuração social, ou seja, o poder da mão esquerda vem das mobilizações sociais em torno dos direitos humanos, especialmente, no caso destes trabalhos, do direito à saúde e da democracia.

Nestes trabalhos podemos vislumbrar as disputas e observar as “linhas de fuga”, resistências e métodos utilizados pelos grupos estudados para acessar e garantir direitos que, apesar de estarem previstos na Constituição Federal de 1988, e em leis específicas, não se efetuem por uma série de negligências perpetuadas pelo Estado brasileiro. Percorrer este livro me aproximou de etnografias diversas a partir das quais é possível vislumbrar diferentes campos, permitindo diversas experimentações. É um excelente exercício para os que estão iniciando seus estudos no campo da Antropologia política e Antropologia da saúde. Além disso, alguns textos comentam sobre o período da pandemia da Covid-19 e o governo de Jair Bolsonaro, durante o qual diversas políticas públicas sofreram desmontes e/ou foram completamente desmanteladas e descontinuadas, tornando ainda mais incertas e conflituosas as relações entre sujeitos e governos em todos os níveis, sobretudo pelo espalhamento de uma ideologia de extrema direita que segue nos assombrando.

Pude ser parte da forma coletiva, integrativa e partilhada de construir conhecimento que nos é apresentada pelos textos dessa coletânea. Acompanhei nos últimos dez anos a trajetória da professora Sônia Maluf<sup>5</sup>, cuja generosidade destoa do senso comum acadêmico e ajudou a abrir portas para pessoas que, como eu, não consideravam possível, até então, o caminho da pesquisa acadêmica, por uma série de limitações impostas pela dificuldade de acesso e permanência na universidade.

<sup>5</sup> Fui bolsista de iniciação científica e apoio técnico do TRANSES – Núcleo de Antropologia do Contemporâneo (UFSC), entre 2014 e 2016, onde também realizei um estágio curricular no fim da graduação.

Recebido em 29 de maio de 2025.  
Aprovado em 30 de agosto de 2025.

## Referências

BOURDIEU. Pierre. *Sobre o Estado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

IRE, Binah.  
Antropologias do contemporâneo: uma homenagem à Sônia Weidner Maluf (Resenha)

VOLUME 14  
NÚMERO 34  
(JAN./ABR.2027)

# ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE  
ISSN: 2358-5587

## CHAMADA DE ARTIGOS

DOSSIÊ TEMÁTICO:

**PRAZO FINAL  
DE SUBMISSÃO:  
30 DE NOVEMBRO  
DE 2026**

**CIDADES EM DISPUTA:  
GÊNERO, RAÇA, SEXUALIDADE  
E OUTRAS DIFERENÇAS  
NA PRODUÇÃO DO  
ESPAÇO URBANO**

## COORDENADORXS:

DR. DR. GUILHERME R. PASSAMANI (UFMS)  
DR. DR. RAMON PEREIRA DOS REIS (UFPA)

Os processos de produção das cidades em relação às sexualidades têm enfatizado ao longo da história a importância das noções de território e territorialidade para a compreensão de como são constituídos os espaços urbanos, os sujeitos e suas relações. Além de indicar que tais processos de produção cidadina correspondem a marcações sociais heterogêneas, é importante ressaltar que todo esse movimento compreendido pelas dinâmicas sociais locais e a ocupação de territórios, dispostos entre “periferias” e “centros”, perfaz mobilidades e/ou zonas fronteiriças que nos possibilitam problematizar os manejos, burlas e agenciamentos feitos em torno da produção social das diferenças, bem como seus impactos a partir da articulação com as temáticas de gênero, sexualidade e raça. Nesse sentido, imaginar a produção de sexualidades em diferentes escalas é um ponto constituinte dos três eixos que norteiam o dossiê: as espacialidades, mobilidades e territorialidades. O objetivo é aproximar os debates sobre cidades, gênero, sexualidades e raça na tentativa de promover aproximações teóricas e empíricas que nos auxiliem a refletir e questionar estatutos cidadinos em relação à produção de diferenças e desigualdades, tendo como ponto de partida a seguinte questão: de que forma podemos escrutinar urbanidades/cidadinidades a ponto de fazer com que tais estruturas não sejam meros arquétipos geográficos/cartográficos, mas que internalizem e externalizem ações concretas de pertencimento e uso democrático do espaço público?

# 34